A esfinge da Gávia

A pedra da Gávea é a maior esfinge do mundo. Uma esfinge perfeita, em plena cidade do Rio de Janeiro. Hoje, 30 mil anos após sua construção, a erosão deformou-a completamente. A cauda, que pode ser observada em fotografias antigas, caiu. A cabeça, porém, continua intacta e pode ser vista por qualquer indivíduo que passe em direção da Barra da Tijuca. A esfinge da Gávea prova que o Brasil abrigou, em um passado remoto, uma civilização avançadíssima.

Observando-se os esquemas da evolução cultural nas Américas, o Brasil surge como uma grande ilha de barbárie, centro de povos mais atrasados, que não podiam sequer sonhar com as civilizações desenvolvidas nas demais partes do continente.

Por que grupos altamente desenvolvidos no México e no Peru, nos Estados Unidos e no Chile, ao norte e ao sul, enquanto que no Brasil nada se encontrou além dos grosseiros objetos líticos e outros elementos culturais do mesmo nível?

Por que não descobrimos no Brasil os restos sensacionais das altas civilizações, presentes inclusive próximo às nossas fronteiras, na Argentina, Bolívia e Colômbia?

Esses restos, na realidade, não existem ou não foram ainda descobertos?

O território brasileiro acha-se na sua maior parte em solos da era primária, ou seja, sobre solos que primeiramente se consolidaram. Sobre os solos mais antigos do planeta. Por esta razão, inexistem aqui os fenômenos de vulcanismo, terremotos e cataclismos.

Wilhelm Lund (revestido de toda a sua autoridade) afirmava: "A parte central do Brasil já existia como continente extenso, quando as demais partes do globo ainda estavam submersas no seio do oceano primordial".

Então, por que, num terreno geologicamente tão antigo, o homem não se desenvolveu, atingindo o ponto alto que outros conseguiram? Mas, não teria atingido, realmente?

Eis o que opina Beuchat (I) a este respeito: Cette race peut être donc considérée comme aussi ancienne — et plus ancienne — que celle, dont nous avons trouvé de reliques en Europe ...

Beuchat refere-se às descobertas de Lagoa Santa.

No Brasil, alguns pesquisadores acreditam que os restos arqueológicos mais antigos e desenvolvidos existem e estão ainda por ser localizados. A descoberta ainda não se efetivou porque as pesquisas arqueológicas no país apenas agora se iniciam.

O sentido oculto

O fato de nenhum complexo arqueológico mais evoluído ter ainda sido descoberto pode significar somente que, por ser mais antigo, se encontre melhor oculto, sob toneladas de pedras e de areia, sob as raízes das centenárias árvores das florestas tropicais. "Os esquemas da evolução cultural, adotados pela ciência, não podem ser reconhecidos como universais.

A existência de camadas com indícios de culturas mais evoluídas, sob camadas com restos de outras culturas mais elementares, desperta a esperança de que no futuro poderão ser descobertos, a grande profundidade, monumentos de qualificadas civilizações. Hoje, muitos cientistas admitem que

no passado tenham existido tais culturas, que não só equivaliam à nossa, mas que talvez a tenham ultrapassado . . . Dados de caráter astronômico dão pretexto, às vezes, para pensar que tais civilizações existiram há 15, 40, 100, e mesmo 940 mil anos atrás."

Estas palavras do grande atlantólogo — A. Braghine (2) — continuam atuais em face das escassas pesquisas de campo levadas a cabo entre nós.

Na realidade, parece que está faltando entre nós um arqueólogo com o espírito de Schliemann, pois que certas pistas importantes, contidas nas lendas e, principalmente, em certos documentos etnográficos, apontam a existência clara de grandes civilizações, num passado mais remoto que aquele lembrado pêlos mais antigos povoadores indígenas. Em 1870, um "louco visionário", com a Ilíada debaixo do braço, saiu da Alemanha para descobrir a cidade de Tróia, que existia somente na poesia, na imaginação de Homero. Assim pensavam os cientistas da época.

As pistas para a grande descoberta

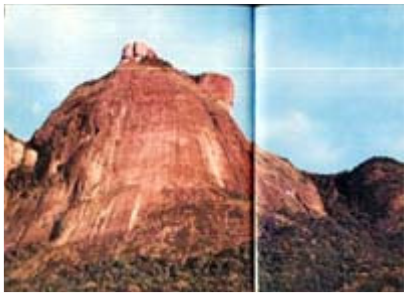
Schliemann acreditou na lenda e encontrou não apenas uma, mas sete cidades sobrepostas, entre elas, Tróia, que tinha inspirado sua viagem de descoberta.

Por mais estranho que pareça, um pesquisador, que fundamentou suas convicções no insólito, é conhecido hoje como o "Pai da Arqueologia". "Loucura é enxergar o mundo como ele é e não como deveria ser . . ."

1) H. Beuchat: Manuel d'Archéologie Américaine.

2) Alexandre Pavlovitch Braghine, 1936: As Civilizações

Mais Antigas da Terra.


O Brasil já abrigou um civilização avançadíssima

Felizmente, os Schliemanns brasileiros existem, embora raros. Roldão Pires Brandão é um deles. Presidente da ABEPA — Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas Arqueológicas —, vasculha o Brasil de norte a sul, conquistando, inclusive, os mais altos picos (pico da Neblina), atrás de velhas lendas, indícios, e trazendo à tona várias descobertas. Entre as mais importantes está a do Homem de Mandioré (nome de uma lagoa do Mato Grosso) totalmente petrificado e incrustado em arenito.

Alguns especialistas acreditam que se trate do mais antigo homem fóssil das Américas, e a confirmação desta hipótese constituiria grata surpresa para todos nós que cremos na ancianidade da cultura no Brasil. Parte desses fósseis encontra-se na USP, à espera do processamento de testes para a medição de sua antiguidade. Os restos não puderam ser testados normalmente pelo processo do carbono radiativo, uma vez que o cálcio já se transformara em sílica, e que as possibilidades seriam fascinantes se submetidos a operações com o acelerador linear. Mas as pistas espalhadas pelo Brasil são muitas.

O prof. Antero Pereira Jr., destacado pela USP para estudar a itaquatiara de Ingá, na Paraíba, apresentou um quadro comparativo entre estas inscrições e a escrita da ilha da Páscoa. São idênticas; porém a de Ingá é mais rústica, denotando maior antiguidade.

Outro quadro importante foi organizado pelo dr. Alfredo Brandão, comparando os signos encontrados nas várias itaquatiaras brasileiras com os caracteres de antigas escritas, como o etrusco, o sumério, grego arcaico, ibérico, megalítico e sabeano.

O rosto da esfinge: durante o dia parece um jovem, ao entardecer, um velho enrugado

Acreditava o intelectual alagoano que esses caracteres constituíssem verdadeira escrita-mãe, da qual se originariam as demais que conservaram alguns signos da antiga fonte.

Por isso se encontram correntemente entre as nossas itaquatiaras signos que se assemelham, ora ao fenício, ora ao egípcio. Entretanto, parece que os testemunhos encontrados em nosso território são mais antigos e constituem os seus protótipos.

A esfinge americana

O costume de os egípcios erigirem grandiosos monumentos com gigantescos blocos de granito, carregados de regiões distantes, seria uma herança atávica, uma lembrança do longínquo passado, vivido em terras de grandes montanhas graníticas.

Vêm em nosso reforço lendas e tradições do Egito e de outras terras, que se referem continuamente a países distantes no Ocidente, de onde teriam saído seus antepassados.

O próprio Schliemann teria encontrado alusões à América, na Porta dos Leões, em Micenas.

O hábito de erigir monumentos como a esfinge também parece levado da América. O protótipo mais tosco e mais antigo da esfinge egípcia parece encontrar-se em monumentos como aquele da pedra da Gávea, em plena cidade do Rio de Janeiro.

Daniel Ruzo, famoso arqueólogo peruano, pesquisando os Andes e particularmente o Peru, encontrou em várias rochas um sem número de imagens, visíveis principalmente ao meio-dia (da mesma forma que a esfinge

da Gávea), ou no solstício de verão, as quais se tornam nítidas em qualquer época, após serem submetidas à fotografia em infravermelho.

Uma das esculturas encontradas representa a cabeça de um velho que, vista de outro ângulo, se torna jovem.

Com a Gávea se dá o inverso: durante o dia, a fisionomia é a de um jovem; ao entardecer, porém, é a de um velho enrugado e triste.

Segundo Ruzo, o que observou no Peru de nota um importante conhecimento de ótica e poderia simbolizar a ressurreição de inúmeras religiões.

O grau de oxidação dessas rochas indica que as gravações foram executadas há mais de 30 mil anos. . .

Os enigmas da pedra da Gávea

Dentre as muitas pistas existentes em nosso território, a esfinge da Gávea é sem dúvida uma das mais surpreendentes. A esfinge foi esculpida no alto de um morro, junto ao mar, no caminho que vai para a Barra da Tijuca. E de há muito são conhecidos os intrigantes sinais gravados na parte superior dessa

montanha.

Em 1930, o cel. Bernardo da Silva Ramos, fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas, tentou interpretar esses sinais. O suposto texto significaria: "Tiro, Fenícia, Badezir, primogênito de Jethbaal".

Em sua obra Inscrições e Tradições da América Pré-histórica, Silva Ramos analisa exaustivamente as enigmáticas inscrições, comparando-as com as várias escritas antigas.

Através desse processo, concluiu pela origem fenícia da inscrição, fato aceitável, considerando-se que esses povos eram exímios navegadores e comerciantes.

A interpretação de Silva Ramos, embora posta em dúvida por grande parte dos estudiosos, ganha mais um aspecto a seu favor, pelo fato que Jethbaal foi o último rei fenício (entre 887 e 856 a.C.), e não se encontra qualquer registro sobre o último paradeiro de seus filhos.

As inscrições da Gávea estão distribuídas numa linha reta de 30 metros de comprimento, e os sinais, bastante gastos pela erosão, têm cerca de 2 metros de altura. Situam-se no lado leste, lateral da chamada "cabeça do imperador".

Além do grupo de inscrições há também outros sinais, que podem ser vistos a olho nu, de grande distância, e que parecem os restos de um alto-relevo, corroído pelo tempo.

Além desses elementos, é também singular o aspecto da formação superior da referida montanha, que parece representar uma cabeça humana com testa alta, olhos profundos e longas barbas. O resto da formação lembra o corpo de um felino em posição de repouso. Evidentemente, o conjunto constitui uma verdadeira esfinge. Esta parte pode ser observada tanto do vale de São Conrado, como da estrada das Canoas, destacando-se um corte na rocha, marcando o joelho e a pata traseira do animal.

Outrora, esta parte traseira virada para o mar era conhecida como pedra do Elefante, devido a uma rocha comprida e perpendicular, semelhante a uma tromba. Ainda visível em antigas fotos aéreas, esta rocha em forma de cauda caiu, atacada pelas intempéries.

Uma vasta bibliografia

A pedra da Gávea e seu aspecto misterioso tem chamado a atenção de curiosos e estudiosos sérios, há bastante tempo, e tem constituído o ponto central de calorosa discussão e intermináveis polémicas; porém, o mistério continua sem solução.

Aqui não teria sido um portal?

A bibliografia sobre o monumento é vasta. Já em 1869, em sessão realizada no Instituto Histórico e Geográfico, o cónego Januário da Cunha Barbosa apresentou um relato feito pelo padre mestre frei Custódio, dando as inscrições da Gávea como fenícias. Frei Custódio, capelão-mor de d. João VI, era professor de grego, versado em línguas orientais e dedicou-se às ciências naturais como lente de zoologia e botânica, na Academia Militar do Rio de Janeiro.

Também o prof. Saldanha da Gama atribui ao monumento e inscrições uma origem fenícia. Suas conclusões se baseiam num estudo comparado, nos vários campos da geologia, paleografia,

antropologia, arqueologia e mitologia.

Sobre a questão dos fenícios no Brasil, tratou exaustivamente o dr. Schwennhagen, na sua obra Antiga História do Brasil, de 1100 a.C. até 1500 d.C. São muitos os testemunhos por ele enumerados por todos os Estados do Nordeste, principalmente no Piauí. Mas atualmente esta teoria é avalizada inclusive por arqueólogos como Cyrus Gordon, especialista em estudos mediterrâneos, da Universidade Brandeis, Boston.

Uma civilização mais remota?

Levanta-se, porém, a questão: como e por que razão alguns navegantes, em número necessariamente pequeno, teriam feito um monumento de tais dimensões?

Em resposta, como propusemos no início do artigo, é preciso frisar que, mesmo que o cel. Silva Ramos tivesse razão, atribuindo origem fenícia à inscrição interpretada, a mesma origem não precisa necessariamente ser estendida à esfinge, construída talvez por povos pré-históricos e encontrada pêlos fenícios, que por aqui passaram.

Os espanhóis não encontraram, também, as ruínas de Tiahuanaco, cuja origem nem os próprios inças conheciam? Quando os mais antigos inças ali se estabeleceram, Tiahuanaco era já ruínas. Assim como a esfinge da Gávea, parece evidente que a cultura que floresceu nos planaltos bolivianos deva se relacionar a estabelecimentos muito mais remotos. A existência de uma pré-história muito mais antiga que aquela que até agora se admite oficialmente torna-se cada dia mais incontestável. Isto é válido para o Brasil e outros países do continente. Esta nova abertura se confirma através de descobertas recentes nas mais variadas regiões do globo. Parece assim que estamos diante, em plena Guanabara, de antigos habitantes, desconhecidos nossos e dos próprios fenícios que aí aportaram, mais recentemente. Perguntamos nós: que ruínas, que civilizações não se encontrarão sepultadas sob os solos das caatingas abandonadas, sob as centenárias árvores das florestas amazônicas?

Um dia, sem dúvida, descobertas sensacionais, difíceis de se imaginar, surpreenderão o mundo.

Por enquanto, o enigma continua ...